



DEDICATÓRIA

Arlene Anélia Renk*

* Doutora e mestre em Antropologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), docente Permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Ambientais e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito, docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).
Email: arlene@unochapeco.edu.br

Giralda Seyferth *in memoriam* (1943-2017) – Memória e uma pequena trajetória

Os estudos de História em Florianópolis levaram Giralda Seyferth a buscar o aperfeiçoamento no Rio de Janeiro, inserindo-a inicialmente nos estudos de Antropologia Física, no Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quando da institucionalização da Pós-Graduação em Antropologia Social, orientada pelo professor Luiz de Castro Farias, defendeu, em 1973, a dissertação sobre a colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Em 1976, na USP, sob orientação da professora Ruth Cardoso, obteve o doutoramento em Ciências Humanas, estudando Nacionalismo e Identidade Étnica em Santa Catarina. Posteriormente, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, onde permaneceu como professora permanente até sua aposentadoria; depois, como professora associada. Dedicou-se a pesquisas de imigração, raça, racismo, desnaturalizando os constructos históricos que balizaram essas categorias. Orientou, igualmente, dissertações e teses a respeito de pensamento social brasileiro, migrações e campesinato. Teve vasta produção expressa em livros, artigos, conferências e comunicações em congressos e eventos científicos. Foi uma figura respeitável pela postura ética, sem necessidade de buscar luzes de ribalta. Tinha suas próprias. Bastava-lhe.

Era cumpridora de horários e prazos, tanto nas aulas quanto nos compromissos públicos e privados. Apesar de “perfil germânico”, à primeira vista, de aparentar impor distância e manter lugares, era de extrema amabilidade e generosidade. Mas sabia, sim, senso de lugar. Matéria não comum na contemporaneidade.

Nas orientações, deixava a liberdade de escolha pelas trilhas teóricas, mesmo não partilhando do viés teórico. Esse ponto foi sempre louvável em seu exercício de formação: o respeito pelas escolhas. Talvez uma herança weberiana?

Como ensinamento, deixou o legado do trabalho incessante, aliando a pesquisa com a dimensão da cidadania, ao estudar os diferentes objetos, campesinato, racismo, migração, pensamento social brasileiro. Desconstruir o objeto, situá-lo na perspectiva histórica é fundamental para não naturalizar e reificá-lo. Esse foi, sem dúvida, um *leitmotiv* que acompanhou os trabalhos de Giralda Seyferth e cuja contribuição deixará uma lacuna à Antropologia brasileira.